



## Escola: Concepções Históricas e a Influência da Família no Processo de Aprendizagem

*Maria Socorro Soares Costa<sup>1</sup>; Joelson Rodrigues Miguel<sup>2</sup>*

**Resumo:** O presente estudo objetivou uma discussão sobre a Escola: Concepções Históricas e a Influência da Família no Processo de Aprendizagem. A metodologia consistiu em revisão integrativa com base nos aportes teóricos de autores como: Campos (2011); Tomaz (2010); Silva (2015); Norder (2004); Souza (2014); Almeida, Pontes e Maciel, 2017; Faria Filho (2000); Dessen e Costa-Polonia (2007); Moraes e Ramos (2018) e Maturana (2015). A partir de tais autores selecionados conforme os propósitos deste estudo, com contextos referente às concepções históricas da escola e da importância da família no contexto da aprendizagem. Conclui-se que, a instituição escolar ainda representa a instituição que a humanidade estabeleceu para partilhar o saber sistematizado. Este é pois, o ambiente que, por regra, é direcionado para instruir com o conhecimento que a sociedade julga pertinente para determinado momento histórico. Dessa forma, família e escola enquanto instituições sociais, devem permanecer indissociáveis, de maneira que possam juntas e, forma significativa, promover a construção do cidadão crítico, reflexivo e emancipador. E ainda, capaz de transformar os rumos da sociedade, para que seja mais Respeitosa, justa e inclusiva.

**Palavras-chave:** Escola; Família; Aprendizagem.

## School: Historical Conceptions and the Influence of the Family on the Learning Process

**Abstract:** The present study aimed to discuss the School: Historical Conceptions and the Influence of the Family in the Learning Process. The methodology consisted of an integrative review based on the theoretical contributions of authors such as: Campos (2011); Tomaz (2010); Silva (2015); Norder (2004); Souza (2014); Almeida, Pontes and Maciel, 2017; Faria Filho (2000); Dessen and Costa-Polonia (2007); Moraes e Ramos (2018) and Maturana (2015). From such authors selected according to the purposes of this study, with contexts referring to the school's historical conceptions and the importance of the family in the learning context. It is concluded that the school institution still represents the institution that humanity established to share systematized knowledge. This is, therefore, the environment that, as a rule, is directed to instruct with the knowledge that society deems relevant for a given historical moment. Thus, family and school as social institutions, must remain inseparable, so that they can together and, significantly, promote the construction of critical, reflective and emancipatory citizens. And yet, capable of transforming the direction of society, so that it is more Respectful, fair and inclusive.

**Keywords:** School; Family; Learning.

<sup>1</sup> Mestrado em Educação pela Florida Christian University. Orlando-FL.

<sup>2</sup> Doutorado em Ciências da Educação pela Universidade Autónoma de Asunción –PY. Pós-Doutorado pela Universidade Autónoma de Asunción –PY. Pós-Doutorando pela Florida Christian University. Participa dos programas de Educação EAD, Education Without Borders Program. Orientador de Dissertações e Teses pela Florida Christian University. Autor correspondente: joelsonrmiguel@hotmail.com.

## Introdução

Esta pesquisa versa sobre a escola, suas concepções históricas e a influência da família no processo de aprendizagem, expressando a importância que tem essa união, visto que a família também faz parte do processo de ensino e aprendizagem de seus filhos, logo, essa parceria torna-se cada vez mais indispensável para construção do indivíduo. A participação da família nos processos de constituição do saber dos educandos permite que os mesmos tenham mais gosto pela aprendizagem e pelos mecanismos propostos pelo professorado para chegar aos níveis de aprendizagem.

Neste sentido, a família é o principal espaço de referência, proteção e socialização dos indivíduos, independente da forma como se apresenta na sociedade. A parceria entre a família e a escola é de suma importância para o sucesso no desenvolvimento intelectual, moral e na formação do indivíduo na faixa etária escolar. A demonstração de interesse pela vida escolar dos filhos é parte fundamental em seu processo de aprendizagem. Ao perceber que pais e família se interessam por seus estudos e por suas experiências escolares a criança sente-se valorizada, desenvolvendo-se de forma segura e com boa autoestima.

O tema, de relevância, social, científica e acadêmica, visa contribuir com novas informações acerca da relação da comunidade familiar com os estabelecimentos de ensino, visando uma melhoria do processo educacional e conseqüentemente da sociedade. A família é peça chave para o desenvolvimento dos alunos e para reafirmação da importância que tem a educação para suas vidas.

Para a academia, a contribuição vem em forma de um saber sistematizado, de oportuna produção científica.

Em termos metodológicos, trata-se de uma revisão integrativa a partir de autores selecionados ante os processos constitutivos desta pesquisa. Portanto, utilizou-se referenciais teóricos condizentes com contextos referentes às concepções históricas da escola e da importância da família para o processo de aprendizagem. Izeram parte deste trabalho autores como: Campos (2011); Tomaz (2010); Silva (2015); Norder (2004); Souza (2014); Almeida, Pontes e Maciel, 2017; Faria Filho (2000); Dessen e Costa-Polonia (2007); Moraes e Ramos (2018) e Maturana (2015).

Ante o exposto nos indagamos: até que ponto as concepções históricas da escola, se relacionam com a importância da família no processo de aprendizagem dos alunos?

## Concepções Históricas da Escola e a Influência da Família no Processo de Aprendizagem

Estudos e pesquisas tem evidenciado que a relação da família com a escola tem trazido vários benefícios para o processo de escolarização dos sujeitos, uma vez que estabelece um vínculo que pode auxiliar na construção dos saberes. É notório que a família é uma ponte viável para que a escola possa encontrar cada vez mais bases para se ter uma educação emancipadora, libertária. Essa relação possibilita maiores chances desses sujeitos conseguirem um bom desempenho escolar, de modo a alcançar, até mesmo, os níveis mais elevados do sistema de ensino, como o acesso ao ensino superior.

A preocupação com uma aproximação cada vez mais ativa da família na escola faz com os professores sintam-se auxiliados no processo de ensino e aprendizagem, pois a criança, jovem entre outras fases tem seu primeiro contato com a família e nada mais justo que a família possa corroborar nesse processo que é extremamente importante na vida do aluno e na perspectiva de parcerias que podem desenvolver ainda mais a capacidade de interação do aluno na sala de aula, na instituição e com o professor, visto que se faz necessário uma relação saudável entre esses atores para que o processo não sofra rachaduras durante o processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Campos (2011) a produção de pesquisas entorno da temática não é tão recente como se pensa, além disso, a autora traz um pouco da historicização dessa relação entre escola e família que se expressam:

Todavia, se verificarmos a produção e as pesquisas referentes à história da educação no Brasil, é possível constatar que essa aproximação e preocupação com a relação família-escola não é recente. Desde o início do século XX, a preocupação em aproximar as famílias da instituição escolar já existia. Ela aparece principalmente com o discurso escolanovista, com o movimento higienista e com algumas práticas empreendidas por alguns intelectuais, como é o caso de Armanda Álvaro Alberto e Cecília Meireles (CAMPOS, 2011, p. 3).

Compreende-se que essa relação é necessária, a família é a base e por isso mais do que nunca precisa apoiar e saber o de fato seus filhos estão aprendendo dentro de sala de aula, além disso, têm questões burocráticas institucionais que carecem dessa união de forma participativo-ativa, em muitos casos o aluno não se sente a vontade em tirar dúvidas com os professores sobre determinada questão vista em sala ou até mesmo sobre assuntos que precisam ser estudados, é neste ponto e em muitos outros que a família entra para dar um suporte a esse aluno.

É importante ressaltar que a relação se faz necessária não apenas na reunião de pais, mas em todo processo de ensino e aprendizagem. O conhecimento de família está presente nos distintos espaços sociais e em diversos períodos históricos. Discutir sobre família nos encaminha a pensar em um grupo organizado composto pelos seus membros, em que cada um cumpre um papel particular. A família cumpre um papel essencial no que se refere a transmissão de valores, uma vez que os pais são em sua maioria considerados exemplos para seus filhos.

Antes do século XVII, os valores e os conhecimentos alistados às práticas profissionais e morais eram compreendidos, em sua maioria, no contexto dos grupos familiares. Os membros mais velhos se responsabilizavam com a transmissão dos seus conhecimentos para os mais novos objetivando garantir o desenvolvimento de ações e atividades que atestassem a sobrevivência e o perpetuamento do grupo. Não obstante, nesse período em que a família exercia a função de ensinar e educar, as pessoas não estavam inseridas em uma sociedade complexa e evoluída (JESUS, 2018).

O conjunto de valores e princípios técnicos que eram transmitidos aos mais novos era satisfatório para a sobrevivência na sociedade. A partir do surgimento das máquinas, e com a separação social do trabalho surgida com o capitalismo, esse exemplo de educação familiar passa a perder forças e chega a ser insuficiente para responder ao anseio de uma sociedade moderna e civilizada. Os conhecimentos tinham que ser aperfeiçoados de forma a corresponder às novas exigências desenvolvimentistas. É nesse contexto, concedido a partir do século XVII, com a origem das cidades modernas, que a escolar obteve importância e passou a ser vista como uma continuação da educação familiar.

No tempo em que a família deixou de ser a única responsável pela educação dos filhos, a escola ocupou a função pelos conhecimentos técnicos e científicos. No Brasil, essa preocupação em instruir e educar as massas populares, para assegurar o progresso e o desenvolvimento da nação, começou no século XIX, posteriormente a Independência. Uma das formas de se estabelecer uma Nação Brasileira, em um ideal liberal e iluminista, privilegiando a ordem e a civilidade, era através da educação do povo. Aquele exemplo de educação individual, que ocorria no seio familiar, já não era eficiente para os ideais dessa época. O método mútuo adentrou nessa conjuntura como um dos mais propícios, pois possibilitava a instrução coletiva, exigindo menos tempo e gastos.

Em contribuição a essa questão faz-se necessário ressaltar que o processo de urbanização, a propagação das indústrias e o imaginário de uma sociedade moderna e republicana determinavam novas designações dos trabalhadores. A preocupação não era apenas

com a ampliação do ensino, mas ainda com os materiais usados, os programas e os conteúdos das disciplinas, a constituição de um ambiente específico, o grupo pedagógico e a formação dos docentes, entre outras questões (TOMAZ, 2010).

Embora, desde as primeiras décadas que avançaram a independência, houvesse a apreensão em ensinar as massas. No fim do século XIX, o ensino primário também era ineficaz. As autoridades competentes não estavam compromissadas com essa questão e o analfabetismo ainda era comum entre a população. O Estado se mostrava ineficaz na elaboração de políticas que garantissem a implementação de uma educação básica. Nesse sentido, o início da República foi marcado pela preocupação em renovar a educação, uma pedagogia nova, que de fato levasse o conhecimento às massas populares.

A partir desse momento nasceu o movimento de renovação da escola primária, a finalidade desse novo regime era instruir e civilizar através da educação. Pela reforma educacional, Lei nº 88, de 8 de setembro de 1982, nasceram os grupos escolares e um reconhecimento, no tocante aos materiais pedagógicos e à organização do período e da rotina escolar, bem como uma renovação no currículo escolar. Com a passagem da educação familiar para a escolar, as elocuições educacionais se expandiram e paulatinamente novas temáticas e políticas foram aplicadas.

Corroborando com o exposto, conforme Silva (2015) a família submergiu o seu papel de educar, porém, com as concentrações de uma instituição escolar e uma pedagogia renovada, a família ressurgiu com a finalidade de contribuir com a educação dos filhos. Para que de fato o mote de “instruir e civilizar” através da educação se concretizasse, a família não deveria ficar recolhida do processo educativo. Vale ressaltar que foi por interferência do movimento escolanovista e higienista que o acercamento da escola com a família ganhou destaque.

Nesta perspectiva, o modelo de ensino tradicional usado durante o século XIX apresentou-se impotente para a lógica republicana de instruir a população para atualizar o país. Neste sentido, um grupo de intelectuais da época, denominados como renovadores ou progressistas, apresentou uma multiplicidade de questões que precisariam ser priorizadas na reforma do ensino primário. Paschoal Lemme, Cecília Meireles, Anísio Teixeira, Armanda Álvaro Alberto e Fernando de Azevedo, entre outros, integravam esse grupo que ficou popular como movimento escolanovista ou movimento da Escola Nova. A expectativa de uma sociedade moderna proporcionava o otimismo desse grupo de intelectuais para a implantação de um novo molde educativo, uma educação fundamentada nas especificidades da infância e no conhecimento científico.

Embora o movimento tenha nascido no final do século XIX e início do século XX, foi entre as décadas de 1920 e 1930 que a denominada pedagogia da escola nova começa a ganhar forma e assim entrando em cena, redirecionando a natureza infantil e o espaço do conhecimento sobre ela gerado, nas teorias e nas práticas da educação. Desta forma, esse grupo era inspirado por ideias pedagógicas revolucionárias de estudiosos de outros países, como Ferrière, Dewey e Montessori e outros.

O Brasil do século XX configurou-se por transformações marcadas pelo fim do trabalho escravo, pelas mudanças políticas posteriormente a implementação da República, pelas transformações econômicas com o princípio dos processos de industrialização, especialmente com a ampliação do transporte ferroviário e da navegação a vapor, assim como pelas modificações sociais com as formas de migração humana nos distintos ambientes geográficos. Neste campo situa-se a imigração de grupos da população europeia para regiões brasileiras (NORDER, 2004).

O governo procurava localizar novas formas de trabalho, para os trabalhadores que neste momento não eram mais escravizados e para os imigrantes europeus que chegavam sempre mais completando o espaço territorial do Brasil. Ambos os fatos vistos como saída para a questão de mão de obra. Posteriormente a Revolução de 1930, as bases do Regime Republicano e seus anseios teriam sido abalados. Pode-se perceber que houve alterações após a década 30, configurando um período de grandes transformações.

Em meio ao período republicano, é importante frisar este regime começaram a perder forças, seus alicerces foi de forma totalitária desestruturada, o que se pode compreender é que a partir da Revolução de 1930 estabeleceu-se um período confuso, de ambiente rumoroso por uma onda de paixões regionalistas e partidárias. É possível dizer que destruir um regime não chegar a ser um processo difícil, o mais complexo e desafiador é encontrar um regime que consiga superar o anterior em suas formas de atuação ou trazer outros significados por se tratar de algo novo, ou seja, descobrir um regime novo e eficiente que o substitua.

Conforme Souza (2014):

O Brasil renascer das cinzas da República Velha, os representantes e agentes da política estado novista adotaram estratégias de construção de novos significados e, diante da precariedade notória da nova ordem política, estimularam a ritualização de práticas sociais e a disciplinarização das condutas (SOUZA, 2014, p. 399).

Deste modo, com a modificação política que ocorreu do próprio governo por meio de uma nova Constituição, em 10 de novembro de 1937, ratificamos as questões trabalhistas

daquela conjuntura com a finalidade de evidenciar com quais estratégias o governo e seu grupo de poder trabalharam para instigar o avanço de práticas sociais, organizar e disciplinar os comportamentos da sociedade. Entorno disso, houve alterações que ocorreram no mundo do trabalho e que refletiram na organização da educação escolar e alterações nas práticas pedagógicas, visto que, à escola foi dada a função de ensinar.

No que se refere à conduta, o ideal do cidadão apontava para um trabalhador organizado, perfeitamente ajustado e defensor das normas vigentes. Seu perfil era aquele que, além de apresentar condutas apropriadas de oportunizar modelo para os outros, estivesse hábil de uma forma ou de outra a emanar por meio de suas atitudes, princípios de bom comportamento ou manifestações condenatórias a irregularidade social. A Constituição de 1937 (BRASIL, 1937) veio para dirigir o homem ao trabalho. Conforme as diretrizes da nova Constituição, a condição para se propiciar a paz e o avanço seria a modificação do homem cidadão pelo trabalhador, encarregado por sua riqueza individual e ainda da nação.

Quanto ao Estado competiria elaborar, segundo o art. 61, “as condições do trabalho, da agricultura, da indústria, do comércio, dos transportes e do crédito, com o fim de incrementar, coordenar e aperfeiçoar a produção nacional” (BRASIL, 1937). Esta intervenção do poder público estatal em comandar o mercado de trabalho se apoiava, segundo uma discursividade concebida pela necessidade de vencer a pobreza, sinalizada como agente dos problemas sociais e econômicos do país e resultantes da omissão do Estado.

Retomando um pouco sobre a participação da família em meio a esse contexto, tem-se um dos integrantes do movimento de modernização educacional, Heitor Lyra da Silva (fez o seu curso primário sob a direção da própria família), chegando a ingressar no Colégio Pedro II no ano de 1890 para continuar seus estudos. Foi criador da Associação Brasileira de Educação (ABE) no Rio de Janeiro em 1924. A ABE foi a primeira entidade nacional a reunir intelectuais vinculados à educação e áreas afins dedicados em reformar o ensino brasileiro. Através da ABE, os escolanovistas podiam se reunir, propagar suas ideias para todo o país e sugerir novas práticas educativas.

Foi no campo dessa Associação que nasceu a Seção de Cooperação da Família, que teve como presidente Armanda Álvaro Alberto, em que seu principal objetivo era organizar atividades, a exemplo de cursos, exposições e palestras, e demais eventos, que proporcionassem a aproximação das famílias dos alunos com a escola. Dessarte, foi instituído o Círculo de Pais e Professores em escolas públicas e particulares, que objetivava a coparticipação entre familiares e educadores para operarem em conjunto no processo educativo.

Sobre a relação da família e da escola, Almeida, Pontes e Maciel (2017) salientam que:

É notória a importância da família no processo ensino-aprendizagem dos alunos. Crianças que percebem uma afinidade entre suas famílias e a escola tendem a se sentir mais seguras, e, naturalmente, a apresentar melhor desempenho nas atividades escolares. Nesta perspectiva, percebe-se que a criança necessita de uma base familiar sólida para sua formação, enquanto ser humano, e que isto não depende apenas de recursos financeiros, mas de afeto e cuidados (ALMEIDA; PONTES; MACIEL, 2017, p. 2).

As instituições escolares por sua vez, arriscam trazer para dentro de suas instituições a família, por meio de eventos simples, que se pode observar como, por exemplo, na entrega de boletins, exposições em datas comemorativas e reuniões, sistematizadas. Apesar disso, não basta apenas isso é imprescindível promover um momento em que os pais possam participar de forma ativa sentindo-se à vontade no espaço no qual seu filho convive diariamente, podendo dar sugestões e assim desenvolver uma boa relação com a equipe escolar.

A escola é um dos espaços em que a criança passa a maior parte do seu tempo, por causa da necessidade em que os pais têm em trabalhar períodos cada vez mais longos estimulados por questões financeiras, permitindo que seus filhos fiquem sobre os cuidados da escola, que necessita ter o papel de formar um cidadão crítico. Desta forma, a instituição escolar precisa ser um ambiente que objetiva o crescimento intelectual e humano da criança, dentro do contexto real e social, em que o discente seja capaz de relacionar o aprendizado adquirido por meio das instituições familiar e escolar.

De acordo com Faria Filho (2000, p. 44), “a escola faz parte da vida cotidiana de cada família”, principalmente porque a sociedade moderna é um campo incerto no que diz respeito aos valores e possibilidades de desenvolvimento, assim, é necessário pensar constantemente a função que essas instituições têm na formação das novas gerações. Essa relação entre família e escola precisa ser fortalecida, uma vez que a família não é um campo isolado da sociedade e o papel de formar cidadãos críticos e reflexos na sociedade é função também da família, o seio familiar é o primeiro grupo que o aluno, filho tem contato e essa relação carece ser respeitada, valorizada e acima de tudo fortalecida.

Nesta perspectiva, a relação entre a escola e a família é, sobretudo atualmente, uma das mais interessantes questões debatidas por pesquisadores ou gestores das unidades de ensino em quase todo o mundo. Este episódio é evidenciado, por um lado, pelo significativo número de pesquisas e publicações acerca do assunto, e, por outro, pela preocupação expressa nos mais distintos fóruns (de reuniões escolares a fóruns nacionais e internacionais) pelos profissionais

encarregados por conduzir simples unidades escolares ou complexos sistemas nacionais de ensino.

A possibilidade de uma relação dialógica entre a família e a escola possibilita que o processo de ensino e de aprendizagem ocorra de forma significativa, uma vez que a família pode auxiliar nesse processo e entender como anda o nível de compressão do aluno e assim pode intervir de alguma forma, essa relação não pode ser efetivada apenas na reunião de pais, mas em durante todo o período. A escola reconhece e compreende a importância da família estar presente, contudo, os esforços que a instituição escolar vem fazendo para aproximar a família ainda não são suficientes.

Isso porque as famílias estão cada vez mais ocupadas e assim distanciam-se de seus filhos, por terem outras atribuições que acabam tomando o seu tempo, mesmo que isso não justifique o abandono de muitas famílias, é possível evidenciar que isso tem possibilitado grandes problemas de natureza social e intelectual. Diversas famílias preferem deixar que apenas a escola ocupe o papel de cuidar e educar. Por essa razão somente reuniões sistematizadas e exposições em datas comemorativas, é preciso que as famílias se tomem consciência de sua importância no acompanhamento de seus filhos para seu melhor desempenho escolar, e quanto a escola carece abrir um maior espaço para esse diálogo e essa interação (MATURANA, 2017).

A Família e a Escola são sistemas que dividem as funções de educar e socializar crianças e jovens. Nos últimos tempos, múltiplos pesquisadores, de diversos campos do conhecimento, tem se dedicado a estudar e entender melhor a relação que se estabelece entre estes dois contextos, o que se pode entender é que essa problemática sempre causou preocupação para os gestores em buscar novas estratégias para atrair as famílias dos alunos, vendo nessa aproximação uma forma de melhorar o desempenho dos alunos e/ou dividirem de fato das responsabilidades, pois a escola tem até um determinado ponto de responsabilidades, há questões que fogem das atribuições da escola.

A sociedade atual vive essa situação de forma mais complexa, devido as transformações sociais isso tem se intensificado ainda mais, o que tem preocupado os gestores, hoje com a globalização muitas estratégias são criadas para chamar a atenção dessa nova geração, porém a escola sozinha não é capaz de promover uma ensino e aprendizagem de forma significativa, por se tratar de uma tarefa que requer o auxílio de quem deveria ter total interesse no desempenho dos alunos, os pais desses mesmos atores. A boa parceria entre família e escola funciona como

um fator indispensável no melhorando do processo de ensino e aprendizagem e nos resultados desses alunos.

Na concepção de Dessen e Costa-Polonia (2007):

Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo (DESSEN; COSTA-POLONIA, 2007, p. 2).

Assim sendo, a família está presente em todas as sociedades, sendo um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, agindo como mediadora principal dos padrões, modelos e influências culturais. Além disso, também é considerada a primeira instituição social que, em conjunto com outras, busca garantir a continuidade e o bem estar dos seus membros e da coletividade, compreendendo a assistência e o bem estar da criança. A família é entendida como um sistema social encarregada pela transmissão de valores, ideias, crenças e significados que estão presentes nas sociedades.

Nesta concepção, a família um impacto expressivo e uma forte extensão no comportamento dos indivíduos, em especial nas crianças, que aprendem as distintas formas de existir, de enxergar o mundo e estabelecer as suas relações sociais. Como principal mediadora entre o homem e a cultura, a família institui a unidade dinâmica das relações de natureza afetiva, social e cognitivo que estão mergulhadas nas condições materiais, culturais e históricas de um determinado grupo social. É a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que suscitam exemplos de relação interpessoal e de constituição individual e coletiva.

As ocorrências e as experiências familiares possibilitam a formação de repertórios comportamentais, de atos e soluções de problemas com significados universais “cuidados com a infância” e particulares “compreensões da escola para uma dada família”. Essas experiências compreendem a experiência coletiva e individual que organiza, intervém e a torna uma unidade dinâmica, organizando as formas de subjetivação e intercâmbio social (MORAIS e RAMOS, 2018).

É através dos intercâmbios familiares que se consolidam as modificações nas sociedades, no que lhe concerne, influenciarão as relações familiares futuras, configurando-se por um processo de influências bidirecionais, entre os membros familiares e os distintos espaços que fazem parte dos sistemas sociais, entre eles a escola, constitui fator predominante para o desenvolvimento do indivíduo. Por isso, que a família precisa estar cada vez mais próxima da escola de forma participativa-ativa, que entenda a sua responsabilidade enquanto suporte para seus filhos e no processo de construção do saber.

A contemporaneidade tem trazido diversas inovações e com isso também trazem as preocupações, seja escola e/ou da família, no que se refere aos processos tecnológicos e as novas formas de comunicação, é verdade que as inovações tecnológicas auxiliam no processo de ensino e de aprendizagem, porém isso só é possível quando o professor tem intencionalidade educativa, conhecem esses novos contextos e sabem por onde começar é nesta seara de possibilidades que entra a família mais uma vez para contribuir nesse campo de transformações e para tirar dúvidas de seus filhos, pois quando não se aprende na escola ou em casa de forma significativa esses indivíduos acabam aprendendo de forma errada.

Segundo Rodrigues (1988):

[...] a participação da comunidade no âmbito da escola é um processo de mão dupla, isto é, a escola deve participar dos processos decisórios da totalidade da sociedade, da mesma forma que a sociedade deve participar dos processos decisórios da totalidade da atividade escolar. [...] É fundamental que a escola universalize a sua experiência e a sua prática pedagógica, que ela não continue sendo a escola de uma classe, nem uma escola para uma classe. A escola se democratizará à medida que seus processos decisórios estiverem coligados aos interesses de todas as classes (RODRIGUES, 1988, p. 38).

Conforme a escola vai articulando seus processos decisórios com a instituição familiar se estabelece uma relação de interação, ou seja, a escola precisa de certa forma oportunizar também mecanismos e formas para que a família esteja cada vez mais próxima da instituição, com um olhar reflexivo sobre o que de fato está acontecendo dentro dos muros da escola e como seus filhos estão se desenvolvendo no aspecto social e intelectual. É importante destacar que atualmente muitos devido a globalização e os processos de transformação sociais se faz necessário essa dialogicidade entre escola e família.

Um ponto que merece destaque é quanto a polivalência que a escola hoje tem, ou melhor, é colocada atribuições que a ela não compete, uma vez que são atribuições características da família, a exemplo, estabelecer limites, respeitar regras. Além disso, a escola

também, no seu processo de aprendizagem, não carece recorrer à família para a resolução de problemas que devem ser dimensionados e resolvidos na área escolar. A unidade escolar tem uma particularidade, qual seja a obrigação de ensinar suficientemente os conteúdos de cada área do saber, determinados como fundamentais para a formação das próximas gerações.

### **Considerações finais**

O dever das crianças, jovens quanto a uma compreensão das operações fundamentais é da escola, igualmente como educar deve ser de responsabilidade da família. Embora que advenham modificações em meio ao processo histórico, a instituição escolar representa a instituição que a humanidade estabeleceu para partilhar o saber sistematizado. Charlot nos orienta que, é o ambiente que, por regra, é direcionado para instruir com o conhecimento que a sociedade julga pertinente para determinado momento histórico.

Nesta perspectiva, família e escola carecem unir forças em prol de um bem comum, no sentido de auxiliar no processo de construção do saber de seus filhos e alunos. Tais instituições sociais devem permanecer indissociáveis, de maneira que possam juntas e, forma significativa, promover a construção do cidadão crítico, reflexivo e emancipador. E ainda, capaz de transformar os rumos da sociedade, para que seja mais Respeitosa, justa e inclusiva.

### **Referências**

ALMEIDA, Jenyfer Fernanda; PONTES, Andreia Aparecida; MACIEL, Maria Elganei. **Escola x Família: desafio presente no século XXI**. Anais da Jornada Científica dos Campos Gerais, v. 15, 2017.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil, 10 de novembro de 1937**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao34.htm). Acesso em: 20 jul. 2019.

CAMPOS, Alexandra Resende. **Família e Escola: um olhar histórico sobre as origens dessa relação no contexto educacional brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro/RJ, p. 24.210-350, 2011.

DESSEN, Maria Auxiliadora; COSTA-POLONIA, Ana. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. Paidéia, v. 17, n. 36, p. 21-32, 2007.

FARIA-FILHO, Luciano Mendes. **Para entender a relação escola-família: uma contribuição da história da educação**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.14, n.2, p.44-50, 2000.

MATURANA, Ana Paula Pacheco Moraes. **Educação especial e a relação família-escola: Análise da produção científica de teses e dissertações.** Psicologia Escolar e Educacional, v. 19, n. 2, p. 349-358, 2015.

MORAIS, Daniella Silva; RAMOS, Mônica Ribeiro. **A importância da família no processo de aprendizagem da criança: a ausência familiar prejudica a relação aluno/escola?.** Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde, v. 7, n. 2, 2018.

NORDER, Luiz Antonio Cabello. **Políticas de Assentamento e Localidade: Os desafios da reconstituição do trabalho rural no Brasil.** Tese (Doutorado em Educação) - Wageningen University, Holanda/ UE, 2004.

RODRIGUES, Carolina Gonzaga Ramos. **Educação e pós-modernidade.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialista em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande/PB, 2016.

SILVA, Daniele Hungaro. **Da docilização dos sentidos" da renovação de quadros e instituições pedagógicas, de programas ou de conteúdo": a escola primária em Santa Catarina (1930-1945).** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/RS, 2015.

SOUZA, Rogério. **A arte de disciplinar os sentidos o uso de retratos e imagens em tempos de nacionalização (1930-1945).** Revista Brasileira de Educação, vol. 19, n. 57, abril-jun, 2014, p 399-416.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil.** Revista de história e estudos culturais, v. 7, n. 2, p. 1-12, 2010.



#### **Como citar este artigo (Formato ABNT):**

COSTA, Maria Socorro Soares; MIGUEL, Joelson Rodrigues. Escola: Concepções Históricas e a Influência da Família no Processo de Aprendizagem. **Id on Line Rev.Mult.Psic.**, Julho/2020, vol.14, n.51, p. 667-679. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 12/07/2020;

Aceito: 18/07/2020.